

RACISMO E POLÍTICA DE MORTE EM *O ÓDIO QUE VOCÊ SEMEIA*: DO FICCIONAL AO FACTUAL*

RACISM AND THE POLICY OF DEATH IN THE HATE U GIVE: FROM FICTIONAL TO FACTUAL

Iohana Iasmine Paulino de Pontes Ribeiro 1

Clara Mayara de Almeida Vasconcelos 2

Resumo: *O ódio que você semeia* é um livro de literatura infantojuvenil, de autoria de Angie Thomas, que foi publicado no Brasil em 2017. A obra aborda as seguintes temáticas: a violência policial contra a população pobre e negra; o racismo estrutural, presente nas sociedades, e a importância dos ativistas e dos movimentos sociais em prol do empoderamento e reconhecimento das minorias. Diante disso, este trabalho objetiva analisar e compreender os conflitos da personagem Starr no que diz respeito à identidade e empoderamento racial. Para isso, lançamos mão dos conceitos da necropolítica, que reforça o racismo sistemático nas sociedades atuais. Esta pesquisa se justifica a partir da necessidade e importância que o tema possui em nossa sociedade, sendo compreendida como um meio de discussão e conscientização social acerca das lutas enfrentadas pela população negra, tornando-se de alta relevância no meio acadêmico e social, ao utilizar a literatura juvenil, publicada recentemente. A pesquisa é de caráter documental e bibliográfico, com cunho qualitativo-analítico. Como fundamentação teórica, adotamos os conceitos e considerações de Mbembe (2016), Cardoso (2018), Almeida (2019), Morris e Traitler (2019), Berge e Luckmann (1976), além de Pinto e Ferreira (2014).

Palavras-chave: Racismo. Necropolítica. *O Ódio que Você Semeia*.

Abstract: *The hate you give* is a Young literature book that was published in Brazil in 2017. The main subject is police violence against the afroamerican Community, the structural racism in the current Society and the importance of social movements like as a form of empowerment and recognition of minorities. Considering this, this work proposes to understand the conflicts of character's Starr about identity, racial empowerment, using the concepts of necropolitics that strengthens the systematic racism today. This work is justified based on the need and importance that the theme has in our Society, being understood as a means of discussion and social awareness about the struggles faced by the black population, becoming highly relevant in the academic and social environment when using a young literature published recently. The research is a documentary and bibliographic character, of a qualitative-analytical nature. Our theoretical foundation is based on concepts and considerations of Mbembe (2016), Cardoso (2018), Almeida (2019), Morris e Traitler (2019), Berge and Luckmann (1976) and Pinto and Ferreira (2014).

Keywords: Racism. Necropolitics. *The Hate you Give*.

* Este artigo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido pela autora e orientado pela coautora.

1 Graduada em Letras, Centro de Humanidades, Campus III. E-mail: iohanapaulino@gmail.com

2 Doutora em Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus I. E-mail: claramay.vasconcelos@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3201030587005202>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7282-7814>

Introdução

O racismo tem sido um grande obstáculo para a integração social da comunidade afro-americana nos Estados Unidos, desde a colonização do país. Mesmo com o fim da segregação racial institucional, amparada na lei, as injustiças e ameaças, baseadas no preconceito da cor de pele, não estão longe de ser uma questão do passado.

Desse modo, o racismo ainda hoje é sentido na pele da comunidade afro-americana; a população negra ainda é pouco representada e vive às margens da sociedade, sendo caracterizada como minoria¹. Essas pessoas não desfrutam de igualdade de oportunidades e precisam batalhar muito mais para terem acesso aos direitos de todo cidadão. Além disso, são ignoradas pelo governo, sofrem várias injustiças, violências e acusações, baseadas no preconceito racial.

Este trabalho visa destacar a importância de se analisar as lutas da comunidade negra e os acontecimentos que envolvem a personagem Starr, do romance *O ódio que você semeia*, de Angie Thomas. Vale dizer que também buscamos compreender as implicações do racismo sistêmico e de como este pode afetar a nossa sociedade, bem como refletir sobre a formação da identidade de jovens negros.

Tal romance é uma ficção infantojuvenil de forte impacto e crítica social, que aborda a visão marginalizada dos negros na sociedade americana, o alto índice de assassinatos desses cidadãos e os conflitos de identidade da personagem Starr em lidar com essas situações.

Nesse contexto, é oportuno mencionar que este trabalho é dividido da seguinte forma: primeiramente, buscamos entender as raízes do sistema escravocrata na história norte americana; depois, analisamos os conceitos de necropolítica, que refletem diretamente nas comunidades negras, para então compreender como a injustiça e o preconceito interferem na identidade da personagem Starr.

Lançamos mão de uma pesquisa de caráter documental e bibliográfico, com a investigação dos principais objetos de estudo, para compreender os movimentos históricos e sociais que implicaram diretamente na forma como a população negra é vista atualmente.

Na fundamentação teórica, adotamos Mbembe (2016), Cardoso (2018), Almeida (2019), Morris e Traitler (2019), Berge e Luckmann (1976), além de Pinto e Ferreira (2014).

Considerando esse processo investigativo, em um tema que se faz presente em nossa sociedade, é importante destacar a sua contribuição para um maior esclarecimento acerca dessa problemática atual. A obra em questão se torna uma operação que proporciona uma melhor compreensão da temática aqui discutida. Sua linguagem, de fácil compreensão, origina-se do fato de que é um livro voltado para jovens, logo, acarreta clareza e objetividade.

Esta pesquisa visa contribuir para a esfera acadêmica e social, considerando que alguns dos trechos, aqui presentes, colaboram para o despertar de uma consciência crítica ao olhar para a sociedade atual. Além disso, por se tratar de um livro de linguagem cotidiana e que traz elementos conhecidos, principalmente para os jovens, *O ódio que você semeia* é uma leitura necessária e fundamental, para se entender e erradicar o racismo e a injustiça na sociedade contemporânea.

***O ódio que você semeia*: breves considerações**

A discriminação e o racismo estão presentes, historicamente, desde a colonização e exploração das diferentes civilizações. Mesmo que hoje possamos viver em uma época em que se defenda a igualdade de todos, infelizmente, essa realidade é ainda muito distante, para a população negra, em se tratando do preconceito baseado na cor da pele.

O racismo pode ser caracterizado como um pensamento presente, em uma sociedade, que defenda a superioridade de um determinado grupo sobre outro, sendo embasado no contexto de raça, justificando determinadas atitudes de separação e preconceito desses grupos dentro de um país (BBC, 2007 apud SANTANA, 2017).

Sabendo disso, este trabalho propõe estabelecer relações entre a obra *O ódio que você*

¹ É o termo utilizado para retratar uma parte da sociedade que é desfavorecida e vive em desvantagem em relação a outro determinado grupo social (CHAVES, 1971, p. 149).

semeia, da autora afro-americana Angie Thomas, e as lutas enfrentadas, até os dias atuais, pela comunidade negra. A autora, até o presente momento, conta com quatro livros publicados, estando dois disponíveis em português: *Na hora da virada* e *O ódio que você semeia*². Suas obras representam a vida e as lutas dos jovens negros na sociedade norte-americana, como: o racismo, a pobreza e a desigualdade. Para a autora, os livros são uma forma de ativismo, pois são responsáveis por mostrar uma realidade que, na maioria das vezes, não conhecemos³.

Em *O ódio que você semeia*, Starr é uma adolescente negra, de dezesseis anos, que voltava de uma festa com seu amigo Khalil e ambos acabam sendo abordados pela polícia. Porém, mesmo obedecendo todas as ordens do policial, seu amigo é assassinado com três tiros. Starr é a única testemunha do caso e busca por justiça; entretanto, várias facetas da injustiça e do prejulgamento, relacionadas ao assassinato de Khalil, surgem.

A obra aborda, através da visão da adolescente Starr, problemas, como: a alta taxa de mortalidade dos jovens negros, a guerra entre as gangues nos bairros pobres e ainda o conflito de identidade que a personagem principal enfrenta ao assumir duas personalidades distintas: como a garota que estuda na escola particular, cercada de pessoas brancas, e a que é conhecida na comunidade negra onde cresceu.

Diante disso, por que o negro é visto como marginal? Quais os fatores sociais que influenciam na formação da comunidade negra? O sistema fornece as mesmas oportunidades em relação aos jovens brancos? Observa-se que, para uma compreensão mais ampla, faz-se necessário conhecer os principais fatos do contexto histórico-cultural dos negros norte-americanos e suas lutas no decorrer de sua trajetória social.

Nos Estados Unidos, o racismo tem raízes profundas, que remontam ao início da sua colonização, quando as colônias do sul tinham sua economia baseada na agricultura e utilizavam mão de obra escrava negra africana. O primeiro navio holandês, com escravos negros, chegou à Virgínia em 1619 e, nos anos subsequentes, esse número aumentou consideravelmente. Entre 1619 e 1860, cerca de 400 mil negros foram levados da África para os Estados Unidos e, ao fim da época colonial, havia cerca de meio milhão de escravos nas colônias inglesas da América do Norte (KARNAL, 2007).

Em meio à Guerra Civil (1861 – 1865), na qual os estados do norte saíram como vencedores, o presidente Abraham Lincoln aboliu a escravidão, por meio da 13ª emenda:

Nem a escravidão nem a servidão involuntária, exceto como uma punição por delito de que a parte tenha sido devidamente condenada, existirá nos Estados Unidos, ou qualquer lugar sujeito à sua jurisdição (USA CONSTITUTION, 2017, p. 1825 – tradução nossa)⁴.

Por meio do documentário⁵ de Ava DuVernay, *A 13ª emenda*, apresenta-se que, a partir de então, vários negros passaram a ser acusados de crimes, para que continuassem a ser explorados e fossem duramente linchados. Eles não eram aceitos na sociedade e os fazendeiros não reconheciam sua liberdade. A repressão e a violência se solidificaram principalmente no sul dos Estados Unidos, onde a miscigenação era considerada crime e aquele que tivesse qualquer parentesco com um afro-americano era também privado dos direitos sociais e políticos (CARVALHO; RAMAGEM, 2019).

Nesse contexto, surge a *klu klux klan*, uma organização que defendia a supremacia branca, sendo a principal fonte de linchamentos, torturas e mortes dos negros, contribuindo para a solidificação do segregacionismo racial. Os brancos não aceitavam que as pessoas negras pudessem frequentar os mesmos lugares, andarem no mesmo transporte, exercerem os mesmos cargos, entre outras restrições. A partir desse momento, surgem leis institucionais, que oficializam essa separação entre os brancos e os negros. Sabendo disso, Karnal (2007, p. 158) afirma que

2 Títulos originais: *On the come up* e *The hate you give*.

3 Disponível em: <https://angiethomas.com/about/>. Acesso em: 28 mar. 2021.

4 “Neither slavery nor involuntary servitude, except as a punishment for crime whereof the party shall have been duly convicted, shall exist within the United States, or any place subject to their jurisdiction” (USA CONSTITUTION, 2017, p. 1825).

5 Disponível em: <https://cutt.ly/ExevEeu>. Acesso em: 28 mar. 2021.

[...] foram aprovados os ‘Códigos Negros’ (Black Codes), que restringiam a liberdade dos negros em diversos aspectos. Entre essas leis, estavam as de vadiagem, que obrigavam os escravos a trabalhar sem poder escolher seus empregadores. Em alguns estados, os negros não tinham permissão para se reunir, casar-se com brancos, beber álcool, possuir armas de fogo, ou atuar em ofícios especializados. Aqueles que cometessem alguma infração podiam ser vendidos em leilão. Na Carolina do sul, uma lei definiu os contratos de trabalho: os negros só poderiam trabalhar em serviços rurais ou domésticos. No Mississippi, poderiam lavrar a terra, jamais possuí-la. Até mesmo alguns sulistas brancos acharam que essas medidas eram muito provocadoras para os nortistas, que as consideravam uma “escravidão disfarçada”.

A segregação racial, como mencionada acima, resultava em brancos e negros vivendo em dois mundos diferentes, em que a população negra era privada de direitos básicos e vivia totalmente excluída. Essa situação durou ainda por muitos anos. Embora tenha sido aprovada a legislação do *Civil Rights Acts*, em 1964, que derrubou esse modelo segregacionista na sociedade, pouco mudou para os negros e, devido ao sentimento de inconformismo com a situação, começam a surgir movimentos sociais e líderes que dão voz a essa comunidade (RIBEIRO, 2015).

Em *O ódio que você semeia* nos são apresentados os principais líderes da comunidade negra, como Malcolm X e Martin Luther King, além de um importante movimento, denominado Os Panteras Negras. No livro, é destacado como esses líderes estão presentes e influenciam, ainda hoje, as lutas enfrentadas por essa parte da sociedade:

Meus irmãos e eu aprendemos a recitar o programa de dez pontos dos Panteras Negras da mesma forma que outras crianças aprendem a dizer o juramento à bandeira americana [...] Seven e eu éramos capazes de citar Malcolm X aos 13 anos. Sekani ainda não chegou lá (THOMAS, 2018, p. 271-272).

A adolescente Starr retrata como esses líderes foram e são importantes para a sociedade negra, sendo lembrados por seus discursos em prol da luta por igualdade. Porém, por que, diante de toda essa luta e movimentos sociais, os negros são vistos de forma marginalizada e ainda hoje estão mais propícios a serem acusados de crimes do que os brancos? Dentre as possíveis respostas, ressaltamos, principalmente, o colonialismo e o sistema imperialista, que, durante séculos, instituiu discursos de superioridade branca e europeia sobre as nações africanas e latinas, e seus povos eram vistos como “selvagens” e “bárbaros”.

Com base nessa política, necessitavam de um dominador que trouxesse a civilização até esses lugares e reforçavam, intrinsecamente, a cultura exploratória e dominadora do homem branco sobre o negro (MOURA, 1993, p. 3). Solidificado nesse mesmo pensamento, instituiu-se os regimes escravagistas, que materializavam e objetificavam corpos negros e não-brancos, de modo a dominá-los e a sujeitá-los as mais diversas atrocidades, para que estes se tornassem mão de obra para o grande objetivo das potências econômicas em ascensão, que era a necessidade de acúmulo de capital.

Dessa maneira, pode-se perceber que o racismo não se trata apenas de uma ideologia, mas também de um pensamento político, que implica diretamente nas relações sociais dos indivíduos e permanece incluso na sociedade até os dias de hoje (VIANA, 2009, p. 24).

Em uma visão geral, o racismo pode ser definido como a discriminação de um determinado grupo social, devido a sua cor, origem ou etnia. Nos Estados Unidos, essa desigualdade racial está intrinsecamente ligada à história da colonização da nação. De acordo com Guimarães (1999), a

principal diferença no que diz respeito a esse preconceito nos Estados Unidos, com relação a outros países, é que essa limitação dos negros foi por muito tempo justificada, conforme podemos ver abaixo:

Os Estados Unidos foram, entretanto, [...] o primeiro país a constituir-se como um Estado de direito e a justificar a desigualdade dos indivíduos apenas a partir de suas características iminentes (força, ousadia, ambição, perseverança etc.), que emergem em situação de competição em mercados livres. Tal fato, junto com a resistência da população branca em aceitar a completa igualdade de direitos dos ex-escravos, acabou por facilitar a aceitação de uma doutrina racista para justificar a limitação dos direitos dos negros. Os Estados Unidos abrigaram pois, por um tempo, uma dualidade de ordem jurídica num mesmo Estado de direito (GUIMARÃES, 1999, p. 106).

De acordo com a citação acima, o racismo se solidificou na sociedade americana através da justificação da desigualdade existente entre os indivíduos, esta amparada, por muito tempo, pela lei. Vejamos como Oliven (2007, p. 31) descreve tais fenômenos:

Mesmo após a abolição, negros e brancos formavam mundos à parte. Essa realidade de segregação passa a ter um fundamento legal a partir de uma decisão da Suprema Corte, em 1896, que considerava constitucional acomodações separadas para brancos e negros em transportes públicos, desde que fossem equiparáveis. A filosofia do “igual, mas separado” erigiu uma barreira, negando aos não brancos o livre acesso à moradia, restaurantes e a maior parte dos serviços públicos.

Como descrito acima, o negro deixa de ser visto como escravo após a abolição; contudo, fica restringido a frequentar determinados lugares na sociedade. Além disso, com a brecha da 13ª emenda, a imagem dos ex-escravos se associa rapidamente a de criminosos. Essa foi uma oportunidade que os fazendeiros e os escravocratas aproveitaram com determinação, para continuarem punindo os negros e estes continuarem a trabalhar, de forma escrava, e serem reprimidos.

Percebe-se que esses fatos históricos não deixam de serem refletidos na sociedade atual, como vemos em Ferreira (2005), que explana os problemas da população negra no Harlem (bairro de maior concentração negra em 1960 e 1970):

Os negros não tinham oportunidades e por isso, eram pobres em todos os aspectos. Suas escolas eram inferiores às dos brancos, sendo classificadas como deficientes. Com isso, conseqüentemente a oportunidade de trabalho também ficava limitada primeiro por não terem educação suficiente e, segundo, porque quando conseguiam algum emprego eram os de piores condições e mais mal pagos. Os brancos sempre foram mais privilegiados nesse aspecto. Quando conseguiam completar um curso superior, eram obrigados a voltar aos guetos, pois a sociedade branca não os aceitava entre ela, impossibilitando-lhes de conseguir melhores condições de vida e trabalho, numa espécie de círculo vicioso. (FERREIRA, 2005. p. 72)

No trecho acima, constatamos a realidade social a que a comunidade negra está exposta e o que acarreta a desigualdade de oportunidades oferecidas com relação à população branca. Mesmo tendo acesso a uma educação inferior, os poucos que conseguiam chegar às universidades não tinham como exercer e crescer, pois não eram aceitos.

Logo, pode-se compreender que a desvalorização do negro se deu/dá através de um longo processo histórico e social, o que reverbera no presente e nos faz refletir acerca de quão evoluída e desenvolvida são essas sociedades hoje. Em meio a tanta modernidade, avanço tecnológico e científico, além dos discursos de igualdade, ainda assim pode se afirmar que nessas civilizações perdura essa enorme dívida social com a população negra.

Necropolítica

Achille Mbembe é um filósofo pós-colonialista, que, em seu artigo *Necropolitics*, aponta a principal definição do termo e as principais implicações do seu enraizamento nas sociedades atuais. Embora suas ideias sejam fundamentadas no conceito de biopolítica, do teórico Michel Foucault, Mbembe vai muito mais a fundo, pois aponta que a necropolítica está intrinsecamente relacionada à colonização, chegando até os regimes atuais, como a política que gerencia a morte, tornando esse conceito e o que existe hoje ainda mais trágico e violento quando relacionado à biopolítica.

De acordo com Mbembe, a necropolítica é o regime que dita quem merece viver e quem deve morrer, como uma prática política camuflada de razões benéficas para a sociedade. Está presente desde a colonização, pois o regime escravagista e o ego dominador do colonizador aprisionavam os corpos negros, tirando-lhes a liberdade, violentando-os e exterminando-os, assim que não lhes eram mais úteis (MBEMBE, 2016; OLIVEIRA, 2018).

Utilizando-se do conceito de Mbembe, Cardoso (2018, p. 962) afirma que

O termo necropolítica tem a ver com regimes de distribuição (desigual) da morte e as funções assassinas ou de morte do Estado. Refere-se, pois, a um tipo de política entendida como o trabalho de morte na produção de um mundo em que se termina com o limite da morte.

Sendo assim, a necropolítica é o que está atribuído às grandes problemáticas sociais no que se refere à morte, à violência, à militarização das comunidades negras, à imagem marginalizada do negro e ao genocídio que ainda hoje se faz presente. A partir desses conceitos, buscaremos entender melhor como essa necropolítica se desenvolve no contexto americano, representado no *corpus* aqui estudado.

Sabe-se que, com o fim da escravidão, era esperado que finalmente houvesse a integração dos negros na sociedade, no entanto, a população negra passa a ser descartada e não inserida na sociedade enquanto agente desta. Assim, observamos como a parcela negra da população ainda vive em um regime segregacionista, que se reflete no alto índice de desemprego e desamparo a essa parte da população. Nesse sentido,

A expectativa de vida Negra é muito menor do que a branca e eles fazem seu melhor para nos matar antes mesmo de nós termos nascido. Nós somos queimados vivos em armadilhas de fogo. Nossos irmãos e irmãs em overdose de heroína e metadona diariamente. Nossos bebês morrem de envenenamento por chumbo. Milhões de pessoas Negras morreram como resultado de assistência médica indecente. Isso é assassinato. Mas eles têm a ousadia de nos chamar de assassinos (SHAKUR, 1973, p. 2 apud CARDOSO, 2018).

Acima, temos um trecho da autobiografia de Assata Shakur⁶, que relata como foram as condições de vida e o tratamento a que a população negra foi alvo, mesmo décadas após o regime escravagista chegar ao fim. Tantas desigualdades e injustiças, sendo cada vez mais enraizadas socialmente, estão refletidas em situações cada vez mais presenciadas hoje em dia: a violência policial em razão étnico-racial, o encarceramento em massa, baixa expectativa de vida, falta de assistência médica de qualidade, elevada taxa de morte de bebês negros, entre outros problemas. Acerca disso, Cardoso (2018, p. 951) argumenta que

Acontece que o capitalismo, enquanto sistema mundial produtor de mercadorias, deixou vários povos destruídos, entre eles, africanos historicamente discriminados, inferiorizados, tratados como coisa, mercadoria e são aqueles mais viáveis politicamente para o capital impor seu controle e eliminação no processo de reprodução do capital. O processo de integração de negros e negras registrado ao longo do desenvolvimento do capitalismo foi possível enquanto eles eram indispensáveis para seu desenvolvimento e mundialização. Contudo, à medida que a força de trabalho foi se tornando obsoleta, negros e negras tornaram-se prescindíveis, passando a compor o maior número nas estatísticas de desemprego, não mais conjuntural, mas estrutural do capitalismo; sem falar do genocídio.

Conforme visto acima, os anos de desigualdade e diferenças cometidas contra os negros implicaram em consequências estruturais, que afligem e “mancham” as sociedades tidas como mais modernas e, até mesmo, as que são vistas como grandes potências econômicas, como é o caso dos Estados Unidos.

Em *O ódio que você semeia*, a autora Angie Thomas aborda, entre outras questões, o racismo e também a violência policial. Essa história é narrada a partir da visão de Starr, uma adolescente negra, de dezesseis anos, que mora em um bairro periférico, residido por pessoas negras, onde há alta taxa de criminalidade e violência. Starr acaba se tornando a principal testemunha do assassinato de seu melhor amigo Khalil, que é morto por um policial branco, como vemos abaixo:

Meus pais não me criaram para ter medo da polícia, só para ficar esperta perto de policiais. Eles me disseram que não é inteligente se mexer quando um policial está de costas para você. Khalil se mexe. Ele vem até a porta. Não é inteligente fazer um movimento repentino. Khalil faz. Ele abre a porta do motorista. — Você está bem, Starr...? Pow! Um. O corpo de Khalil treme. O sangue jorra das costas dele. Ele se segura na porta para conseguir ficar de pé. Pow! Dois. Khalil ofega. Pow! Três. Khalil olha para mim, perplexo. Ele cai no chão (THOMAS, 2018, p. 26-27).

Como visto acima, a morte do jovem Khalil é o resultado de uma abordagem feita por um policial branco, que os para repentinamente e sem nenhum motivo, apenas por se tratarem de jovens negros. Como ponto central do livro, através da morte do jovem Khalil, são entrelaçadas as demais questões que se fazem necessárias e que são primordiais para o nosso estudo e melhor compreensão do tema, a exemplo do racismo estrutural e institucional e o modo como estes, atrelados ao sistema da necropolítica, formam a identidade da personagem Starr ao longo do livro.

6 Ativista negra, Assata fez parte dos Panteras Negras e até hoje influencia e apoia movimentos sociais antirracistas.

O racismo institucional e estrutural na obra

Nos Estados Unidos, negros e negras continuam sendo alvo da violência política, do racismo estrutural e institucional que assola os direitos das comunidades afro-americanas. Mesmo com o famoso e notório discurso de liberdade, riqueza e igualdade da nação americana, a realidade é diferente para uma grande parte da população.

No livro, a desigualdade social e a diferença de classe são exemplificadas também através dos dois bairros onde a narrativa se desenvolve. O primeiro é Garden Heights, bairro pobre, de população totalmente negra, com alto índice de violência e criminalidade, onde Starr e sua família vivem. Em contraste com o primeiro está Riverton Hills, bairro rico, onde moram brancos e negros, estando os demais parentes (tio e avó maternos, também negros) de Starr. Nesse mesmo bairro, está localizada a escola frequentada por ela e seus irmãos, a casa de suas amigas e do seu namorado. A personagem está constantemente enfatizando as diferenças entre esses dois mundos em que ela transita, como podemos ver abaixo:

Nossas gargalhadas diminuem gradualmente, e faz muito silêncio. Não havia nada para fazer além de olhar para o céu e para as estrelas. Tem tantas hoje. É possível que eu não repare quando estou em casa, por causa de todas as outras coisas. Às vezes, é difícil acreditar que Garden Heights e Riverton Hills compartilham o mesmo céu (THOMAS, 2018, p. 217).

No trecho acima, a personagem está desiludida de que os dois bairros possam compartilhar o mesmo céu, de tão diferentes que são. Quando se refere à Garden Heights, Starr sempre menciona o tenso convívio em relação às gangues, à violência e à criminalidade, presentes na comunidade.

Essa conglomeração da população negra em bairros periféricos, expostos à poluição, sem saneamento básico e poucas oportunidades retrata a população urbana marginalizada, onde as pessoas, presentes nesses espaços, são vítimas de estigmatizações e se tornam alvo de todas as injustiças ocasionadas pelas falhas do Estado.

Outro conflito, que exemplifica a desigualdade entre as duas comunidades, presentes na obra, é também retratado nos diálogos e discussões ocasionados pelos pais de Starr, Lisa e Maverick Carter:

— É só hoje. DeVante não pode ficar em Garden Heights. O bairro não é bom para ele. — Espere. Não é bom para ele, mas é para os nossos filhos? — Pare com isso, Lisa. Está tarde. Não quero ouvir isso agora. Passei a noite no mercado. — E eu passei a noite acordada, preocupada com você! *Preocupada com meus bebês neste bairro. — Eles estão bem! Não se meteram com gangues nem nada disso. Mamãe dá uma risadinha debochada. — É, então tudo bem eu ter que dirigir quase uma hora para levá-los para uma escola decente. E que Deus não permita que Sekani queira brincar lá fora. Eu tenho que ir até a casa do meu irmão, onde não preciso me preocupar de ele levar um tiro, como aconteceu com gente próxima à irmã dele. É horrível pensar que ela podia estar falando de Khalil ou de Natasha. — Tudo bem, digamos que a gente se mude — diz papai. — E aí? A gente vai ser como todos os outros traidores, que vão embora e dão as costas para o bairro. Nós podemos mudar as coisas aqui, mas em vez disso preferimos fugir? É isso que você quer ensinar aos nossos filhos? — Quero que meus filhos apreciem a vida! Eu entendo, Maverick, você quer ajudar seu povo. Eu também quero. É por isso que me arrependo todo dia naquela clínica. Mas sair do bairro*

não vai significar que você não é real e não vai significar que você não pode ajudar essa comunidade. Você precisa decidir o que é mais importante, sua família ou Garden Heights. Eu já fiz minha escolha (THOMAS, 2018, p. 155, grifo nosso).

No trecho acima, os pais de Starr discutem acerca do futuro da família. Lisa, mãe da jovem, questiona a possibilidade da família se mudar para outro bairro, devido à violência e à criminalidade que existe em Garden Heights. A mãe apresenta que a família não está segura e que deseja que isso possa ser mudado.

Com base nos conceitos de necropolítica, pode-se afirmar que a disposição territorial da população negra nas cidades pode ser vista como um dispositivo político e social, resultante da colonização que, além de separar pessoas por cor e classe, também as divide territorialmente. Essas pessoas, além do julgamento que recebem por serem negras e pobres, ainda estão inseridas em um espaço urbano estigmatizado, que é desprezado pelo Estado e pelo restante da população.

Nos Estados Unidos, cenário da obra aqui analisada, o movimento “guerra às drogas”, que foi adotado por vários presidentes em exercício, se voltou totalmente contra a população negra e, subsequentemente, a esses territórios, gerando uma política de “tolerância zero” que, ironicamente, era aplicada apenas às comunidades negras e se tornou um pilar para o encarceramento em massa. Logo, a classe, a cor da pele e o território onde vivem passam a ser “requisitos” primordiais, para que a polícia e o Estado exerça o abuso sob o falso discurso de proteção para o restante da população.

Essa desigualdade, que é apresentada entre os espaços urbanos na obra, demonstra o tipo de segregação que é vivida ainda hoje. Mesmo com o fim da segregação racial em lei, ainda existe a separação territorial. Os denominados “guetos” são, na maioria das vezes, bairros periféricos, com pouca infraestrutura, baixa oferta de empregos e uma educação precária, fatores que promovem cada vez mais uma população segregada, com pouco ou nenhum acesso a oportunidades que possam resultar em mudanças. Acerca disso, Morris e Treitler (2019, p. 19) afirmam que

Nos EUA, raças têm vidas segregadas, e todas as grandes cidades nos EUA são hipersegregadas, significando dizer que a segregação racial é claramente evidente, independentemente de como seja medida. A segregação é um fator que contribui para uma série de problemas, dentre eles o não menos importante racismo do meio ambiente, uma vez que, quando comparados aos brancos, os negros sofrem com maiores níveis de exposição a toxinas, tanto em razão da segregação geográfica, quanto pelo fato de empresas poluírem mais em áreas habitadas por pessoas negras.

Na citação acima, os autores fazem menção ao racismo do meio ambiente e expõem que os negros sofrem, de fato, muito mais com essa segregação territorial, tendo em vista que esses espaços, muitas vezes, são áreas onde há os mais altos índices de poluição e demais falhas de infraestrutura. Além desses pontos, apresentados acima, é importante destacar que a mídia também tem um papel direto na construção da estigmatização marginal dessas comunidades. Na obra, essa ação fica evidenciada através da entrevista que o policial, que assassinou o jovem Khalil, concede a um programa de televisão após o caso repercutir nacionalmente. Vejamos:

O policial Brian Cruise Jr. está na polícia há 16 anos — diz o narrador, e mais fotos dele como policial são exibidas. Ele é policial pelo mesmo tempo que Khalil viveu, e eu me pergunto se em alguma virada do destino, Khalil só nasceu para esse homem o matar. — Boa parte desses anos foi passada servindo em Garden Heights — continua a narração —, um bairro notório por gangues e traficantes de drogas. *Fico tensa*

quando imagens do meu bairro, do meu lar, são mostradas. Parece que escolheram as piores partes: os viciados em drogas vagando pelas ruas, o conjunto habitacional Cedar Grove, em péssimo estado, membros de gangues fazendo sinais, corpos nas calçadas com lençóis brancos em cima. E a Sra. Rooks e seus bolos? E o Sr. Lewis e seus cortes de cabelo? O Sr. Reuben? A clínica? A minha família? (THOMAS, 2018, p. 209, grifo nosso).

Conforme esse trecho, a imagem marginalizada desses bairros se volta contra os oprimidos; a população, que já é injustiçada e esquecida, também é julgada pelo próprio lugar de convívio. No trecho aqui exposto, a tentativa de justificar a ação do policial branco, contra o jovem negro, é feita através da sequência de imagens intencionalmente mostradas: primeiro, são exibidas fotos do policial branco, com sua família, com seu cachorro, utilizando-se de um crucifixo que retrata a sua fé, em meio a seu círculo religioso, reforçando a imagem de cidadão americano exemplar diante da sociedade e, posteriormente, fotos de Garden Heights, bairro onde Khalil morava e onde foi abordado pelo policial responsável por sua morte. Abaixo, o trecho da entrevista em que o pai do policial (“um quinze”, como a personagem se refere, devido ao número do distintivo) aparece defendendo o filho:

Meu filho amava trabalhar no bairro — alega o pai de Um-Quinze. —Sempre quis fazer a diferença nas vidas de lá. Engraçado. Os senhores de escravos também achavam que estavam fazendo a diferença na vida dos negros. Que os estavam salvando do “jeito selvagem africano”. Mesma merda, século diferente. Eu queria que pessoas como eles parassem de pensar que gente como eu precisa ser salva. Um-Quinze Pai fala sobre a vida do filho antes dos tiros. Que era um bom garoto e que nunca se meteu em confusão, sempre queria ajudar os outros. Bem parecido com Khalil. Mas ele também fala das outras coisas que Um-Quinze fez e que Khalil nunca vai poder fazer, como ir para a faculdade, se casar e ter uma família. (THOMAS, 2018, p. 209-210, grifo nosso).

A indignação da personagem Starr, no trecho em destaque, nos mostra como os resquícios da colonização perduram até hoje nas sociedades que passaram por esse processo. A imagem de que o homem branco é responsável por fazer a diferença na vida do homem negro é ainda a ideologia central, responsável pelo comportamento racista, presente em uma sociedade que aflige a vida da população negra.

A partir dos trechos e fatos apresentados até aqui, podemos compreender o motivo de o racismo ser denominado uma ideologia enraizada de forma política, social e ética. Dessa maneira, analisaremos os conceitos de racismo institucional e racismo estrutural, a partir das concepções de Almeida (2019). Acerca do racismo institucional, o autor afirma que

No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade (ALMEIDA, 2019, 23-56)

De acordo com o autor, o racismo institucional se manifesta através de instituições políticas,

escolas, órgãos e organizações que têm em suas funções apenas pessoas brancas, de modo que estas acabam por promover uma maior desigualdade em relação ao acesso de pessoas negras a esses cargos e ainda podem diminuir ou enfraquecer a luta dessas comunidades, tendo em vista que estas não são representadas e, conseqüentemente, pouco ouvidas.

No livro, Thomas, além de denunciar a violência policial, pois o Estado visa eliminar os “perigos” da sociedade, ainda nos mostra como o racismo institucional se instala desde os órgãos judiciários, como também na própria escola da personagem, em que esse discurso racista ganha voz através de Hailey, uma das amigas de Starr.

Hailey defende a abordagem do policial branco sobre Khalil, pois, em sua concepção, o fato dele ter começado a vender drogas, como forma de se sustentar e ajudar a sua família, ganhando o rótulo de “traficante”, faz dele culpado e merecedor do trágico destino que lhe ocorreu. Permitindo-se desviar brevemente do contexto americano, o discurso de Hailey pode ser comparado ao que escutamos com frequência na sociedade brasileira: “bandido bom é bandido morto”. Através dessa afirmação, pode-se compreender melhor o tamanho do problema, considerando que tal frase faz parte do contexto de uma nação que, em 2019, 66,7% da população carcerária era negra contra 32,3% branca⁸. Embora não tratemos aqui das implicâncias e efeitos do racismo no Brasil, especificamente, esse breve comentário nos ajuda a entender, interculturalmente, como a necropolítica atua também no Brasil.

Retornando então para o contexto estadunidense, Almeida (2019), explicando o racismo institucional, utiliza-se do conceito de Charles V. Hamilton e Kwame Ture, no livro *Black Power: Politics of liberation in America*:

No livro, o racismo é definido como “a aplicação de decisões e políticas que consideram a raça com o propósito de subordinar um grupo racial e manter o controle sobre esse grupo. Após essa definição, os autores afirmam que o racismo é “tanto convincente como dissimulado”. Marca-se, portanto, uma importante separação entre o racismo individual, que corresponde a “indivíduos brancos agindo contra indivíduos negros”, e o racismo institucional, que se manifesta nos “atos de toda a comunidade branca contra a comunidade negra”. (HAMILTON; KWAME, 1967 apud ALMEIDA, 2019, p. 33)

Com base no trecho acima, pode-se compreender que a caracterização do racismo institucional parte dos atos da comunidade branca em relação à população negra. Logo, se as instituições têm seus conceitos e suas atividades camufladas no racismo, como elas poderão agir em defesa das minorias? A partir desse questionamento, destaca-se, então, a importância de mais cargos sendo ocupados por pessoas conscientes e que representem essas comunidades. Como a notável ativista Ângela Davis⁷ afirma: “Em uma sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista.” Em outras palavras, é preciso não apenas que mais cargos sejam ocupados por mera representatividade, mas por indivíduos que vivam e propaguem a luta antirracista.

Sabendo disso, se as instituições e os indivíduos, que nelas possuem cargos, são racistas, significa que o racismo é parte estrutural da sociedade. Tratando-se de racismo estrutural, Almeida (2019, p. 31) afirma que “as instituições são racistas porque a sociedade é racista”. Em outros termos, implica dizer que as instituições não têm o racismo como problema reproduzido apenas naquele ambiente, mas apenas reproduzem o que já lhes é imposto socialmente, como podemos ver abaixo:

⁷ Fonte: Anuário brasileiro de segurança pública 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2021. Filósofa e Ativista americana, Davis é uma importante voz diante da luta antirracista.

Se há instituições cujos padrões de funcionamento redundam em regras que privilegiem determinados grupos raciais, é porque o racismo é parte da ordem social. Não é algo criado pela instituição, mas é por ela reproduzido. [...] Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade. (ALMEIDA, 2019, p. 31)

Na citação acima, o autor nos mostra como o racismo, sendo uma questão estrutural, se torna também parte de instituições, devido à sua composição por indivíduos racistas. Logo, pode-se afirmar que os indivíduos racistas, que compõem cargos em instituições, praticam o racismo contra comunidades não-brancas, resultando em uma sociedade cada vez mais supremacista e desigualitária.

No livro, o racismo estrutural nos é apresentado em muitas vozes e trechos, no entanto, como mais esclarecedor, temos o diálogo de Starr e seu pai, Maverick, pois, ao conversarem sobre a morte de Khalil, o pai da personagem exemplifica como a sociedade e o sistema lidam com as questões nas comunidades negras e como essa desigualdade se acentua sobre eles:

— Khalil disse que é sobre o que a sociedade semeia em nós quando pequenos e como isso volta e os morde depois — digo.
— Mas acho que é mais do que quando pequenos. Acho que é o ódio que semeiam, ponto. — Nós quem? — pergunta ele.
— As pessoas negras, as minorias, os pobres. Todo mundo na parte de baixo da sociedade. — Os oprimidos — diz papai. — É. A corda sempre arrebenta para o nosso lado, mas somos quem eles mais temem. Foi por isso que o governo mirou nos Panteras Negras, certo? Porque tinha medo dos Panteras? — Aham — responde papai. — Os Panteras educavam e davam poder às pessoas [...] — E qual é o ódio que estão semeando para as “criancinhas” na sociedade de hoje? — Racismo? — Você tem que me dar mais detalhes do que isso. Pense em Khalil e na situação toda. Antes de ele morrer. — Ele era traficante. — Dói falar. — E possivelmente membro de uma gangue. — Por que ele era traficante de drogas? Por que tantas pessoas do nosso bairro são traficantes? Eu me lembro do que Khalil disse: ele se cansou de escolher entre a luz e a comida. — Eles precisam de dinheiro — digo. — E não têm muitas outras formas de ganhar dinheiro. — Certo. Falta de oportunidades — diz papai (THOMAS, 2018, p. 145-146).

O diálogo de Maverick com Starr desmascara o ciclo vicioso que presenciamos na sociedade. O pai de Starr explica como a falta de oportunidades faz a população negra ser direcionada, muitas vezes, para a criminalidade como única saída, como foi o caso do personagem Khalil, que, pela necessidade de ajudar a sua família, acaba se envolvendo com as drogas. Mais à frente, o personagem continua:

— Os Estados Unidos corporativos não trazem empregos para nossas comunidades, e claro que não nos contratam com facilidade. [...] mesmo que você tenha diploma do ensino médio, muitas das escolas nos nossos bairros não nos preparam bem o bastante. Foi por isso que, quando sua mãe falou sobre mandar você e seus irmãos para Williamson, eu concordei. Nossas escolas não recebem os recursos para equipar vocês

como a Williamson recebe. É mais fácil conseguir crack do que uma boa escola por aqui. “Agora, pense nisso. Como as drogas chegaram ao nosso bairro? Estamos falando de uma indústria de muitos bilhões de dólares, filha. Essa merda vem voando para as nossas comunidades, mas não conheço ninguém que tenha jatinho particular. Você conhece?” — Não. — Exatamente. As drogas vêm de algum lugar e estão destruindo nossa comunidade — diz ele. — Tem gente como Brenda, que acha que precisa delas para sobreviver, e tem os Khalils, que acham que precisam vendê-las para sobreviver. As Brendas não conseguem emprego se não estiverem limpas, e não podem pagar reabilitação se não tiverem emprego. Quando os Khalils são presos por venderem drogas, eles passam a maior parte da vida na prisão, outra indústria de bilhões de dólares, ou têm uma dificuldade enorme para conseguir um emprego e muitas vezes acabam vendendo drogas de novo. *Esse é o ódio que estão semeando, filha, um sistema elaborado contra nós.* (THOMAS, 2018, p. 146-147, grifo nosso).

Maverick denuncia o sistema político estadunidense, afirmando que esse ódio que é semeado (fazendo referência ao título do livro) é passado de geração em geração, através de um sistema político injusto, que não provê todas as comunidades com igualdade. Um sistema que define quem deve morrer e que não se impõe com relação a essas mortes.

Na obra, o racismo institucional e estrutural é evidenciado no caso da morte de Khalil. Primeiro, o jovem é morto, por ser considerado suspeito por um policial branco, ou seja, uma instituição; no caso, um membro dela é motivado a parar o jovem, baseado apenas no território onde estavam e no preconceito de sua cor. Mesmo com todas as evidências e o depoimento de Starr, o policial é inocentado após o caso ir a júri (THOMAS, 2018, p.326).

Com a repercussão do caso, a sociedade logo defende o policial branco, rotulando o jovem Khalil e acusando-o de ser o próprio responsável por sua morte. Embora casos como esse, representados na obra, aconteçam frequentemente, a sociedade americana está longe de erradicar tais ideologias. Acerca disso, Morris e Traitler (2019, p. 26) destacam que

A maioria dos brancos nos EUA acredita que o racismo é uma coisa do passado e crê que ser chamado de “racista branco” é algo inexprimível e horrível. Mesmo no ambiente mais gentil dos anos de Obama, vimos negros ficarem bem atrás de brancos no que diz respeito às chances de uma melhor qualidade de vida. Em outros termos, a desigualdade racial institucionalizada é prevalente nos EUA, e talvez seja até óbvia. Ainda assim, nos Estados Unidos, não é fácil tratar do racismo de forma aberta. A desigualdade, o ânimo e a violência racistas são amplamente difundidos, mas falar do assunto não é algo tolerado.

Como visto na citação acima, na sociedade americana, a ideologia do racismo está enraizada culturalmente e socialmente, sendo um problema tão profundo que, no entanto, é tratado como se não existisse. Assim, ressalta-se a importância de questões como as lutas sociais, organizações, movimentos e a representatividade como mecanismos que tentam desenvolver a conscientização de sociedades, nas quais o racismo se faz presente.

Identidade e construção da personagem STARR

De acordo com Berger e Luckmann (1976, p. 230), a identidade “é um fenômeno que deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade”. Considerando isso, é possível compreender

que o processo identitário de uma pessoa se caracteriza como um objeto social e político. Neste tópico, pretendemos analisar as implicações e o processo de construção identitária de uma das personagens aqui mencionadas.

A obra de Angie Thomas é narrada através do ponto de vista da personagem Starr, uma jovem negra, de dezesseis anos, que mora em um bairro, caracterizado pela própria jovem, como violento e periférico. Como já mencionado anteriormente, a vida da jovem se divide entre dois distintos ambientes: o bairro pobre, onde a jovem cresceu e mora com a sua família, e o bairro elitizado, onde fica a escola e também onde Starr e os seus irmãos estudam. Por passar a maior parte do tempo na escola, Starr acaba desenvolvendo uma personalidade distinta, para que possa ser aceita pelos seus colegas e pela instituição.

O conflito de identidade da personagem fica evidente assim que se inicia a leitura da obra, pois ela faz a seguinte reflexão: “eu não devia ter vindo pra cá. Nem sei se essa festa é meu lugar. Nem falando burguesa nem nada. É que tem alguns lugares onde não basta ser eu. Nenhuma versão minha. A festa de recesso de primavera de Big D é um desses lugares” (THOMAS, 2017, p.9). A convivência da jovem com esses dois mundos, totalmente diferentes, faz com que ela crie diferentes versões de sua personalidade, como forma de ser aceita pelos integrantes de cada bairro onde ela transita. Esse conflito, com o qual Starr convive, é evidenciado em muitas falas da personagem, dentre elas, destacamos:

Por, pelo menos, sete horas, não vou ter que falar sobre Um-Quinze. Não vou precisar pensar em Khalil. Só preciso ser a Starr normal na Williamson normal e ter um dia normal. Isso quer dizer mexer no interruptor no meu cérebro para que eu seja a Starr da Williamson. A Starr da Williamson não usa gírias; se é algo que um rapper diria, ela não diz, mesmo que os amigos brancos digam. As gírias os tornam descolados. As gírias a tornam “daquele bairro”. A Starr da Williamson segura a língua quando as pessoas a irritam para que ninguém pense que ela é a “garota negra cheia de raiva”. A Starr da Williamson é acessível. Não faz cara feia, não olha de canto de olho, nada disso. A Starr de Williamson não gosta de confrontos. Basicamente, a Starr da Williamson não dá motivo para que alguém a chame de garota do gueto. Não consigo me suportar por fazer isso, mas faço mesmo assim (THOMAS, 2018, p. 65).

No trecho acima, Starr descreve como deve ser o seu comportamento quando está na escola, perto de seus amigos. A preocupação excessiva da jovem se resume em não ser rotulada ao bairro onde ela reside. Como já visto no tópico anterior, a marginalização desses territórios faz com que os indivíduos, que neles habitam, sejam vítimas do preconceito da sociedade e das instituições. Isso é evidenciado por Starr, em outro trecho do livro:

— Minha voz já está mudando. Sempre acontece perto de “outras” pessoas, esteja eu em Williamson ou não. Eu não falo como eu mesma e não pareço comigo. Escolho cada palavra cuidadosamente e presto atenção para enunciá-las direito. Nunca posso deixar que pensem que sou do gueto (THOMAS, 2017, p. 86).

Nesse sentido, a convivência de anos em meio à outra cultura e com indivíduos de outra classe faz com que Starr negue a sua origem e, após presenciar o preconceito dessa comunidade com pessoas como ela e as que moram em seu bairro, ela opta por seguir o padrão de comportamento socialmente imposto, para ser aceita por esse grupo. Starr, então, se vê na iminência de “se tornar branca” diante de uma classe social diferente da sua, que, além de possuir um poder aquisitivo maior, representa a parcela hegemônica da sociedade. Desse modo, ao ser cada vez mais “branca”,

ela terá a possibilidade de ser melhor aceita.

Tal fenômeno é explicado por Frantz Fanon (2008), em sua obra *Pele negra, máscaras brancas*, na qual traz uma discussão acerca do lugar, tanto da mulher negra quanto do homem negro, em meio a uma sociedade, em que ser branco ou possuir o tom da pele mais claro, se torna uma prerrogativa para os sujeitos. É importante também salientar que o autor supracitado teve os seus textos censurados nos Estados Unidos da América, pois a teoria desenvolvida por ele, tanto no âmbito dos estudos culturais quanto pós-coloniais, se pauta na desracialização e descolonização do pensamento acerca da consciência social. Ainda acerca desse processo identitário de pessoas negras, Pinto e Ferreira (2014, p. 261) argumentam que

A categoria identidade é efetivamente importante para compreendermos como o indivíduo se constitui, influencia sua autoestima e sua maneira de existir. Nesse sentido, é fundamental para a compreensão da problemática da pessoa negra, o conhecimento da maneira como ela desenvolve sua identidade, principalmente em contextos sociais adversos nos quais é discriminada negativamente.

Os autores enfatizam a importância de atentarmos para como a formação identitária de pessoas afrodescendentes se dá em meio a uma sociedade racista e opressora. A pesquisa nessa área se faz muito importante, pois, a partir de mais estudos e teorias que desconstruam os estereótipos criados sobre essa comunidade, historicamente marginalizada, podemos entender como a sociedade se comporta em relação às pessoas negras, tentando apagar e “esbranquiçar” cada vez mais a sua etnicidade.

No livro, nota-se que a presença da jovem Starr, em ambientes nada representativos, faz com que ela ignore sua ancestralidade e feche os olhos para a problemática do assassinato do seu melhor amigo, pessoa com quem Starr cresceu e se relacionou durante sua vida. Tal atitude vai, aos poucos, gerando um sentimento de vergonha e distanciamento da personagem com a sua origem e as lutas que seus ancestrais enfrentaram:

Se for revelado que eu estava no carro, o que isso vai me tornar? A garota bandida do gueto com o traficante? O que meus professores vão pensar de mim? Meus amigos? O mundo todo, possivelmente? [...] Eu engulo em seco e sussurro: — Eu não conheço aquele Khalil. É uma traição pior do que namorar um garoto branco. Eu o nego e praticamente apago cada gargalhada que demos, cada abraço, cada lágrima, cada segundo que passamos juntos. Um milhão de “me desculpe” ecoam na minha cabeça, e espero que cheguem a Khalil onde quer que ele esteja, e mesmo assim nunca serão suficientes. Mas eu tive que fazer isso. Tive (THOMAS, 2017, p. 100-101).

Acima, ao ser questionada pelos seus amigos se conhecia Khalil, Starr acaba negando e, embora a personagem tente convencer a si mesma de que essa atitude é a correta e que precisa ser tomada, ela fica desconfortável e sente como se traísse o melhor amigo e a ela mesma. Podemos observar, conforme salienta Willian Lima de Sousa, em sua obra *A mão cândida do algoz e outros ensaios: Machado de Assis, Kafka, Borges, Joyce e AG*, que:

Traçando um paralelo entre o passado e presente, a mão cândida do algoz atravessou os séculos e permanece presente entre os de tez escura. Observamos como a arte utiliza uma temática tão recorrente em nossa cultura; contudo,

alicerçada em questões estéticas. Não é uma simples crítica; mas, a utilização de um fenômeno em voga na sociedade (um elemento externo) que se torna interno e assume um revestimento artístico. Esta elaboração artística tem por finalidade colocar o leitor para pensar, problematizar, resistir e reelaborar ideias preconcebidas (SOUSA, 2021, p. 41).

Processos semelhantes ocorrem com milhares de jovens mulheres negras, visto que estas precisam se enquadrar em determinados grupos e, para isso, acabam por negar suas raízes e esconderem as suas potencialidades. Esse fato não é algo novo, mas, sim, recorrente nas sociedades e comunidades que sofreram/sofrem com a herança colonial.

A literatura, enquanto operação de denúncia social, por meio do texto escrito, de forma estética, constitui-se como agência, em uma relação de potência e de ação, para expor as violências e desigualdades sociais que marginalizam, outremizam⁸ e subalternizam os indivíduos.

Após um longo processo de autoaceitação, aliado ao luto de perder seu melhor amigo, Starr finalmente decide ir a público e quebrar o silêncio acerca do assassinato de Khalil, decidindo fazer justiça por ele. Alguns personagens são fundamentais nesse processo de despertar pelo qual a jovem passa, dentre eles, está o seu pai, Maverick, que, sendo muito consciente de toda a trajetória de militância que foi necessária na história dos negros americanos, sempre lembra e incentiva a filha a não se calar, nem a temer qualquer pessoa.

Outra personagem que contribuiu para a mudança de Starr foi Ofrah, uma advogada que procura a personagem, prontificando-se a representá-la diante da promotoria. Ofrah, além de advogada, é ainda a líder de uma pequena organização, intitulada *Just us for justice*⁹, que busca responsabilidade social. O contato de Starr com Ofrah e sua equipe é fundamental para o despertar da jovem, que passa a ser muito mais consciente de seu papel de militância e de sua autoafirmação identitária étnico-racial. No livro, podemos perceber tal mudança no trecho abaixo:

É verdade. A Sra. Ofrah me preparou para essa entrevista todos os dias depois da aula. Em alguns dias, terminamos cedo, e eu ajudei no Just Us for Justice. Atendi o telefone, distribuí folhetos, qualquer coisa que precisassem que eu fizesse. Às vezes, eu ouvia as reuniões da equipe enquanto eles discutiam ideias para uma reforma na polícia e a importância de dizer para a comunidade protestar sem fazer baderna. *Perguntei ao Dr. Davis se o Just Us podia fazer uma discussão em mesa-redonda na Williamson como faz em Garden High. Ele disse que não via necessidade* (THOMAS, 2018, p. 240, grifo nosso).

No trecho acima, podemos compreender que a principal evidência na mudança de pensamento da personagem é que ela procura o diretor da escola em que estuda, para tentar promover uma mesa redonda com a equipe do *Just us for justice*. Como vimos anteriormente, Starr, até então, sempre fizera questão de deixar os dois mundos separados e, após essa conscientização, a personagem acaba tentando levar para os seus colegas da escola a informação e discussão acerca do assassinato de pessoas negras. Embora tal esforço seja em vão, devido ao diretor não apoiar, pode-se perceber aí os primeiros passos da militância da jovem Starr e o seu despertar social para

8 Thomas Bonnici e Elis Regina Fernandes Alves (2005, p.8) explicam o conceito de outremização, de acordo com Ashcroft: [...] A teoria da outremização diz respeito à diferenciação entre sujeito colonizado e colonizador, ao fato de haver diferença, diversidade entre ambos. É importante diferenciarmos aqui “alteridade” de “outremização”. Ambos os termos podem ser aplicados nessa análise, porém é mais conveniente falarmos aqui de outremização, já que observaremos as suas estratégias, conforme define Ashcroft: Este termo foi cunhado por Gayatri Spivak, para o processo pelo qual o discurso imperial cria seus ‘outros’. [...] O outro é o excluído ou sujeito dominado criado pelo discurso de poder. A outremização descreve os vários modos pelos quais o discurso colonial produz seus sujeitos. Na explicação de Spivak, outremização é um processo dialético, porque o colonizador Outro é estabelecido ao mesmo tempo em que seus colonizados outros são produzidos sujeitos (1998, p. 171).

9 “Apenas nós por justiça” (Tradução nossa).

as questões e lutas do povo negro americano. Acerca desse processo de construção da identidade negra, Pinto e Ferreira (2014, p. 262) fazem a seguinte reflexão:

No que tange à questão do processo de construção da identidade negra, percebe-se que ainda é uma discussão problemática para as próprias pessoas que se identificam como tal. Muitas vezes, o caminho que se percorre na busca dessa identificação é marcado por inúmeras contradições e opressões sofridas internamente pelo indivíduo, que acaba por se impor uma regra básica – a negação de si próprio, de sua cor e, por conseguinte das suas características fenotípicas. Ou seja, o negro nasce e sobrevive imerso numa ideologia de que o branco é o ideal a ser atingido e endossa a luta para realizar esse modelo.

Com base nessa citação, podemos apreender as dificuldades que as pessoas negras enfrentam na sua construção identitária. Isso ocorre devido à sociedade, que conta com sistemas racistas e opressores, impõe padrões que interessam a determinada classe, deixando uma grande parte da população vista como não-ideal, gerando nela o sentimento de negação e frustração identitária em um meio que nada a representa.

No livro, essa consciência social, que Starr aos poucos alcança, nos mostra a importância da representatividade que pessoas negras empoderadas, cientes de sua importância histórico social têm na sociedade. Além disso, ressalta também como os movimentos sociais podem desencadear discussões que, outrora, seriam esquecidas. Tais discussões são necessárias para a tentativa da construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Considerações Finais

Com base no que foi discutido até aqui, são perceptíveis as problemáticas que compõem a sociedade ainda hoje. Mesmo com o fim do regime escravagista, que ocorreu há mais de um século, a comunidade negra estadunidense continua sendo perseguida e morta através de um sistema necropolítico, que define pessoas inocentes e cidadãos comuns como perigos para a sociedade. Esse sistema, que define quem deve morrer e viver, baseado em racismo, ódio e preconceito, ceifa a vida de pessoas, apenas por serem negras e, na maioria das vezes, por pertencerem a territórios estigmatizados.

Analisando o contexto histórico da comunidade afro-americana, o racismo e a violência policial, como objetos da necropolítica, buscou-se entender como essas questões podem interferir no processo identitário de pessoas negras. A dificuldade que estas têm em se autoafirmar e empoderar-se em meio a uma sociedade que tenta a todo custo apagar a cultura e a ancestralidade desse povo.

Embora tenha sido utilizada uma obra ficcional como objeto de análise, foi possível perceber que esta, de acordo com a própria autora¹⁰, trata-se de uma ferramenta de denúncia, tendo em vista que é uma forma de ativismo, que visa retratar o que acontece no dia a dia de milhões de pessoas. E, apesar de tratarmos aqui, especificamente, do contexto estadunidense, sabemos que a realidade no Brasil não fica muito atrás.

Compreende-se que, para se estudar as questões de identidade em sua totalidade, é necessário abranger alguns pontos da psicologia e demais ciências. No entanto, aqui nos propusemos apenas a observar brevemente como se dá esse conflito na história da personagem aqui apresentada. Deixamos tais questionamentos e demais teorias para serem aprofundadas em uma discussão futura.

Em suma, foi possível compreender como a comunidade afro-americana ainda vive às margens da sociedade, sendo alvo de estigmatizações e sendo outremizada, como resultado do

10 Disponível em: <https://angiethomas.com/about/>.

preconceito resultante do período colonial. Em meio a essas questões, a população não-branca ainda é distribuída em territórios periféricos, onde há poucas ou nenhuma oportunidade para uma possível melhora de vida.

Nesses termos, observamos como esses fatores, aliados ao sistema da necropolítica, que atua nessas comunidades, disseminam o ódio e a morte de cidadãos inocentes, que são brutalmente assassinados apenas por não serem brancos. Em meio a isso, buscamos mostrar, através da análise do conflito identitário da personagem Starr, como crianças e jovens são impossibilitados de se autoafirmarem e despertarem a identidade étnico-racial, por estarem inseridos em ambientes não representativos, que discriminam os traços e a cultura afrodescendente.

Referências

13a EMENDA. Direção de Ava DuVernay. USA: Netflix, 2016. Color A HISTÓRIA DO RACISMO E DO ESCRAVISMO. Londres: BBC, 2007. Color.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALVES, Elis Regina Fernandes; BONNICI, Marcos. Estratégias de outremização em The Narrative of Jacobus Coetzee. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 27, n. 1, p. 7-14, 2005.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

CARDOSO, Francilene. Racismo e necropolítica: a lógica do genocídio de negros e negras no Brasil contemporâneo. **Revista de Políticas Públicas**, v. 22, p. 949-968, 2018.

CARVALHO, Isabella Maria Farias; RAMAGEM, Luiza Oliveira. **Rosa Parks e a segregação racial nos Estados Unidos: do fortalecimento do Movimento por direitos civis ao fim da segregação em transportes públicos**. Brasília-DF, 2019. Disponível em: <http://www.sigmadf.com.br/wp-content/uploads/sites/24/2016/FINAL-SUPREMA-CORTE AMERICANA-ROSA-PARKS.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

CHAVES, Luís de Gonzaga Mendes. **Minorias e seu estudo no Brasil**. 1971.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FERREIRA, Maria Neliane. "Paz e amor na era de Aquário: a contracultura nos Estados Unidos". In: **Cadernos de pesquisa do CDHIS**, p. 68-73. Uberlândia, MG. 2005.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Combatendo o racismo: Brasil, África do Sul e Estados Unidos**, 1999.

KARNAL, Leandro. "O início". In: **História dos Estados Unidos**, p. 40-192.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Artes e Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez. 2016.

MORRIS, Aldon; TREITLER, Vilna Bashi. O ESTADO RACIAL DA UNIÃO: compreendendo raça e desigualdade racial nos Estados Unidos da América. **Caderno CRH**, v. 32, n. 85, p. 15-31, 2019.

MOURA, Clóvis. O racismo como arma ideológica de dominação. **Revista Princípios**, São Paulo, n. 34, p. 28-43, 1994.

OLIVEIRA, Dennis. A violência estrutural na América Latina na lógica do sistema da necropolítica. In: **Extraprensa**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 39 – 57, jan./jun. 2018.

OLIVEN, Arabela Campos. Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil. **Educação**, v. 30, n. 61, p. 29-51, 2007.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 9, n. 2, p. 256-266, 2014.

RIBEIRO, Flávio Thales. **O racismo nos Estados Unidos**. Disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/aulas/medio/o-racismo-nos-estados-unidos/>. Acesso em: 19 nov. 2018.

SANTANA, Thayná Menezes. **Racismo e identidade nacional**: comparando Estados Unidos e Brasil, 2017.

SOUSA, Willian Lima. A mão cândida do algóz e outros ensaios: Machado de Assis, Kafka, Borges, Joyce e AG. **Tutóia**: Diálogos, 2021.

THOMAS, Angie. **O ódio que você semeia**. Tradução de Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Galera Record, 2018.

VIANA, Nildo. Capitalismo e Racismo. **Capitalismo e Questão Racial**, p. 24, 2009.

Recebido em: 04 de agosto de 2021.

Aceito em: 21 de março de 2022.